

# das regras

Dheyne de Souza<sup>1</sup>

me lembro, sim, de algumas ou várias vezes na infância desejar não ter nascido mulher (não digo mais isso com vergonha, que é preciso ter coragem pra desejar na dor e ainda assim não querer no âmago). na adolescência também, sejamos sinceras. talvez a vida adulta tenha trazido outras informações.

foi na adolescência que surgiu uma vez a constatação quando das regras. por que tanto sangue, tanta dor, tanta fraqueza e o trabalho sem trégua. porque vejamos, mulheres que somos querendo ou não, o que nos reserva o mês. já fiz as contas das regras. uma semana inteira vertendo rubis de vários tons volumes texturas. nela, os primeiros dias, dores, inchaço e o teste de resistência porque nenhuma atividade domiciliar profissional pessoal a menos. pro fim dessa semana contorcida, quando já raleada a lida, mais uma pequena parcela de penas, à míngua no escuro. depois da semana rubra, quiçá bem-aventurança, quiçá dom divino, quiçá dote (tudo vai depender de como se vê e quem), quiçá folga. é uma semana que ilude com a força física dando fôlego pro que virá dentro desse mês-vida-sexo. a terceira semana abraça a sensação que vem chegando em pequenas agulhas de desconforto, vem vindo a ovulação. para quem tem sorte (que quantas vezes é disso que vive a mulher), não há sinais ou já não são vistos. mas comigo a sorte não faz brinquedo (duvido muito, confesso, que seja sorte e não hábito). é que o corpo avisa que vai ovular pelos ovários. eu consigo senti-los sendo apertados e puxados com mãos inábeis para dentro do buraco negro que há entre o umbigo e o cóccix. mais uma cólica, a mulher pensa, mas dura somente um ou dois dias. somente para as otimistas, que não nasci assim. que não concordo que depois de uma semana expelindo sangue estejamos prontas depois de uma miséria de semana numa paz mentida pra aguardar que o óvulo siga seu destino. mas passa. a terceira semana passa para trazer a quarta. não há folga, não criemos expectativa, porque dizem que criamos inúmeras ficções com o que de mais criativo ou hediondo ou macabro ou cruel há na tensão prévia. vai ver é feitiço. nessa última semana antes de você, mulher, derramar sangue outra vez, derrama um pouco de água salgada, seja pelos olhos, seja pela pele, seja pelos lábios. que o mundo antes de derramar vermelho ele pesa dentro desse corpo não sustendo outro corpo apenas sustendo a ideia de que é para tudo isso todo mês todo o sempre. as piadas incham sem absoluta graça, a cabeça esgota sem aparente marca, o ódio desbota sem pedir licença. enquanto isso te pedem calma. enquanto você conta o mês pelas semanas, os dias pelas folgas, as horas pelas tabelas, as dores pelos alívios, calma. tenha calma, mulher, que não há muito o que fazer. que nunca foi feito nada, me pergunto. como nunca nada. são as

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira (DLCV-FFLCH), pela Universidade de São Paulo, orientada pelo Prof. Dr. Jaime Ginzburg, com bolsa de pesquisa concedida pela Capes. E-mail: dheynedesouza@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8481-5968>.

regras. mas o mundo não foi feito para essas regras, argumento com fúria. mas a ordem está redondamente equivocada, revido sorrindo. que as regras da mulher existem desde que há mulher, e este mundo é bem depois disso, sabemos todos. mas o que o mundo não espera, nunca esperou, fálico que sempre foi, coitado, é que a força hercúlea é construída não com uma regra mensal, mas com séculos e milhares. nesse quesito, e disso também todos sabemos embora bem poucos vejam e menos ainda o digam, surgimos guerreiras, guerreiras e guerrilhas. não viemos em paz que a paz nunca respeitou nossas regras. não viemos tampouco em guerra que de balas de facas de falas morremos todos os dias. viemos com as mãos calejadas de fluxos. com os pés sobrevividos do fogo. com os ventres carregados de sangue. com as vozes equipadas de som. que já está passando da hora de deixar de medir o mundo pelo falo. tamanho nunca foi o principal instrumento do gozo. que já está passando da hora de abandonar a velha versão das colchas. que sabemos de penélopes muito mais que o dia e a noite. que já passa da hora do almoço e estamos com fome, já passa da hora do sono e estamos acordadas, já passa da hora do grito e estamos com o não. que venham o próximo mês, a próxima era, as próximas.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Este texto é inédito e faz parte de um romance em andamento.